

PARA ALÉM DA RELIGIÃO: A FRATERNIDADE ESPÍRITA “JOANNA DE ANGELIS” E
 UMA PROPOSTA INOVADORA DENTRO DA DOCTRINA ESPÍRITA¹

FRITZE, Eliane²

O Significado das Práticas e Representações do Grupo Espírita “Joanna de Angelis” no Contexto Religioso Brasileiro

Buscar um lugar nesse imenso quadro formado pela diversidade religiosa no Brasil, em que se possa situar a Feja, é algo um tanto quanto arriscado, mesmo assim tornou-se imperativo fazê-lo, uma vez que testa-se nesta pesquisa a hipótese de que ela tem peculiaridades que a diferenciam daquelas casas espíritas tidas como “tradicionais” dentro do movimento espírita brasileiro. Em que medida essa diferenciação ocorre e de que maneira se apresenta a sociedade bem como a singularidade do grupo e o que ela significa na mentalidade religiosa do Brasil contemporâneo, são as questões que se procura responder.

O Espiritismo não forma o que podemos chamar de religião naquele sentido de hierarquia, embora não lhe falte um robusto corpo documental, o pentateuco, o conjunto das principais obras Allan kardec, em meados do século XIX. De fato não há no Espiritismo uma hierarquia, ao menos não nos moldes tradicionais, a figura de um chefe como tem a Igreja Católica, na figura do Papa. O que tem são dirigentes de centros, presidentes de federações e assim por diante, a hierarquia de fato, pode se dar de outras formas dentro das casas espíritas, mais sutilmente. E por último, não possui um rito institucionalizado, uma liturgia rígida a seguir e sim orientações das federações nacional e estaduais que aconselham diretrizes na tentativa de manter uma unificação no movimento espírita brasileiro, o que não dá mostras de se efetivar, dada a imensa diversidade de interpretação mesmo do que seja a doutrina espírita. Contudo, na vivência de seus adeptos o Espiritismo se constitui sim numa religião e mais, numa religião internalizada como bem deixou claro Procópio Camargo, um dos pioneiros a estudar as religiões mediúnicas no Brasil nas décadas de 1960/70 e conseguiu traçar o caminho percorrido por essa doutrina, bem como a expansão ocorrida, especialmente nos grandes centros urbanos e como uma das causas mesmo, dessa urbanização intensa e rápida sofrida pelo país nas décadas acima citadas. Em suas palavras:

Há no Espiritismo toda uma compreensão sacral do mundo, tornando-se desse modo a religião extremamente significativa para o fiel, em termos de orientação de vida” (...) “O conceito de internalização refere-se à maneira pela qual o fiel participa da vida religiosa,

¹ Texto apresentado na monografia defendida em 27/11/2009 na UFMS/CPTL para obtenção de título de especialista em História e Sociedade.

² Graduada em História e especialista em História e Sociedade ambos pela UFMS/CPTL.

adotando seus valores, normas e práticas de modo consciente e deliberado. (CAMARGO, 1961, p.162).

E ainda:

Analisar os aspectos de doutrina e ritual, essenciais para compreender a vivência religiosa. Embora predomine coerência quanto a essas dimensões, ocorre, por vezes, desequilíbrio entre a interpretação doutrinária e o feito litúrgico assumido pela instituição religiosa. (CAMARGO, 1973, p.167).

A religião atende a necessidade do adepto servindo, quem sabe, como a corda de um trapézio na qual possa se agarrar quando tudo o mais parece perder o sentido e, a vida por sua vez, deve seguir. Não parece viável a classificação de maneira tão rígida ou unívoca, isso não é efetivamente realizável, há a diversidade das pessoas que se agregam em torno de um grupo religioso ou não, que impossibilita que todos os grupos, sob a mesma orientação, resulte em um modo absolutamente igual uns e outros. Sobre o papel da religião temos: “E a religião se repõe como conjunto de símbolos capazes não somente de redefinir o mundo mas sobretudo de transferir a eficácia da religião do exterior da pluralidade religiosa para o interior do próprio eu do converso” (CAMARGO, 1973,p.17).

As diferenciações são encontradas e no caso do Espiritismo pode-se falar mesmo de escolas espíritas ou mais radicalmente, facções espíritas como encontrada na revista Povos. Assim, classificar a “Feja” constitui um desafio quase impossível dado a diversidade de influências e contribuições de variados tipos que lá se pode encontrar. Não é o mote do trabalho esse e sim o de demonstrar que a “Feja” representa mais uma forma dentro do gradiente espírita, e que, portanto se diferencia do tradicional e ortodoxo Espiritismo que temos no Brasil, na própria maneira de encarar a tarefa consoladora de uma religião, consola na medida que esclarece o indivíduo acerca da sua vida bem como das implicações de suas atitudes que ganham contornos que vão além da lei de causa e efeito, postulado bastante caro ao Espiritismo, mas que pode ser modificado na medida em que novas atitudes entrem em cena. A ação individual faz a diferença de acordo com tais postulados.

Essa transferência da eficácia da religião do exterior da pluralidade religiosa, de que fala CAMARGO (19673, p. 17), para o interior do eu converso, faz toda a diferença. O adepto da “Feja” incorpora atitudes e ações levado por essa internalização de conteúdos que ora percebe como sendo religiosos, mas também de uma natureza mais ampla. O indivíduo já não age solitariamente, mas sozinho e solidário com toda a humanidade.

É sabido que no Brasil o Espiritismo foi, ao longo do tempo, assumindo e sendo construído, em conformidade que leva, necessariamente me conta, a cultura local com sua riqueza de elementos e assim se foi tornando diverso do modelo original nascido em França.

A religião pode representar para o crente a segurança perdida diante do abismo da vida, pela perda ou mudança dos paradigmas que deram sustentação à sociedade por um tempo relativamente longo, dando assim, a ilusão de segurança, agora com as rápidas e contínuas mudanças observadas na contemporaneidade, levaria as pessoas a buscarem uma religião como para ter um Norte para seguir e em que se apegar. A religião vista como mais um diferencial, já não pode ser qualquer religião, mas uma que dê conta de suprir as necessidades do indivíduo que a procura. Uma religião que seja internalizada: “O conceito de internalização refere-se à maneira pela qual o fiel participa da vida religiosa, adotando seus valores, normas e práticas de modo consciente e deliberado” (CAMARGO, 1973.P.77).

Dada a diversidade das pessoas que se agrupam em torno de uma religião, por exemplo, mesmo e apesar de suas normas precisam ser seguidas, cada qual imprime a esse grupo, sua maneira de ser, um pouco de sua personalidade e o que temos então não é apenas o somatório dessas personalidades e sim um modo próprio de grupo não encontrado em nenhum outro, mesmo que existam vários grupos formados sob essa mesma égide.

Os adeptos do Espiritismo, como os e qualquer outra denominação religiosa, levam a sua maneira peculiar de viver, com suas idiossincrasias para dentro de sua vivência religiosa contribuindo para a grande diversidade de interpretação que confere o dinamismo de uma sociedade plural, e nesse dinamismo situa-se a “Feja” que, reunindo vários aspectos doutrinários espíritas, sujeita está também às influências de um Espiritismo mais “tradicional” no sentido aqui de mais aceito por parte da ala ortodoxa. Assim a “Feja” segue vivendo a doutrina espírita de acordo com a visão de seus adeptos. Foi respeitando aos mais ortodoxos que no seu início na “Feja” ainda se aplicava o passe, mas já com a intenção de deixar a prática uma vez que fosse feita a transição e seus freqüentadores entendessem que não seria mais necessário que outrem lhe aplicasse um passe desde que ali se aprende o auto passe. Uma casa onde se aprende o auto conhecimento leva o indivíduo a se tornar quase auto suficiente, então não se faz necessário recorrer a ajuda externa. A prática de aplicação de passes já não é realizada nessa casa, a menos que algum indivíduo que ainda não conheça as práticas da mesma, a ela acorra em estado de necessidade, carecendo de atendimento imediato, e sua negação seria faltar com a caridade, segundo seus adeptos, mas após seu restabelecimento, o indivíduo necessitado é informado das variadas atividades da casa e da prioridade que se dá aos estudos podendo assim, já atendido, decidir por continuar freqüentando ou é livre para seguir seu caminho. Na “Feja” também não se realiza, na sua forma tradicional, reuniões mediúnicas e a mediunidade é vista como uma maneira de receber ajuda pela intuição,

sendo que ela é tanto mais confiável quanto mais elevada for a moral do indivíduo, ou seja, não há como barganhar com a espiritualidade maior. A dependência em relação aos espíritos é desaconselhada uma vez que ali se ensina e se aprende, como lidar com as questões da vida. As obras básicas são estudadas na “Feja” assim como as obras da mentora da casa “Joanna de Angelis” que, como já se disse aqui, são obras tidas como psicografadas pelo renomado médium Divaldo Pereira Franco. De cunho psicológico, as obras caminham pelo aspecto da psicologia transpessoal que tendem a levar o indivíduo a uma viagem interior, ao auto descobrimento possibilitando então que esse indivíduo entre em contato com o seu eu profundo, a fim de solucionar aquelas questões de ordem psicológica que o impede de ser consciente e maduro para relacionar-se com o semelhante de maneira equilibrada. Deste teor psicológico também fala a autora a seguir:

O fenômeno da psicologização (...) representa uma nova forma do sujeito se relacionar consigo mesmo e com o mundo a sua volta. Diz respeito ao modo como formas tradicionais de se lidar com as esferas da vida (...) são paulatinamente substituídas por formas idiossincráticas, teoricamente construídas a partir do próprio sujeito – de seus desejos e características pessoais. Investigar a psicologização é (...) tentar dar conta do grande paradoxo da modernidade: a produção social da idiossincrasia e da individualidade como pilares básicos do mundo social”. (RUSSO, 1993, p.16).

E dentro dessa maneira psicológica, dessa idiossincrasia e da individualidade de cada qual é que seguem os adeptos da “Feja” em sua busca pelo aprimoramento pessoal. O que se deve fazer em uma casa espírita segundo o entendimento da “Feja”, é a busca desse ser consciente através do autodescobrimento e do autoconhecimento e desse modo libertar as consciências da ignorância acerca da vida. Pode-se ter uma melhor idéia a partir da fala de uma entrevistada quando diz: “Quando você passa a se conhecer, a saber, de sua importância nesse universo, a olhar o outro como se você estivesse olhando pro próprio universo, então isso vai ficando mais fácil, cada vez mais fácil, você passa a não ver nem mais mal, você passa a não sentir mais raiva, você passa a ser uma pessoa equilibrada, você equilibra suas emoções ,seus sentimentos são mais nobres, se torna uma pessoa mais tranqüila , mais dócil porque você sabe que o prejudicado será você mesmo. Antes se eu ficasse com uma dor de cabeça já pensava que poderia ter sido alguém que me tivesse feito algo e hoje eu sei que posso entrar em qualquer ambiente até de uma energia mais densa e se eu estiver equilibrada não me envolvo com aquelas energias e ainda posso auxiliar aqueles que ali se encontram sem fazer nenhum movimento, apenas com o pensamento, mentalmente, em silencio ...”

As reuniões mediúnicas são entendidas por seus adeptos, como necessárias à época de Kardec e consideram o estudo das obras por ele codificada, o real trabalho do Espiritismo, realizando um estudo que vá de encontro à decodificação daquelas obras para, de fato, transformar seu entendimento em transformação moral do indivíduo, sem a qual nada será mudado no planeta.

Numa fala de outra entrevistada:

Nós queremos entender de mediunidade, queremos ser especialistas em mediunidade, não é pra falar com os desencarnados mas sim pra auxiliar os encarnados, pra comunicar, saber entender, compreender, pra se relacionar melhor com os seres encarnados mesmo. Pra entender de sentimento, pra entender as necessidades de cada um e estar auxiliando nesse plano, no seu meio, no seu lar, em toda uma comunidade, é toda uma sociedade e até a humanidade, nós temos a capacidade quando nós queremos, para isso o entendimento, basta o conhecimento e basta a vontade, quando a gente quer nós conseguimos porque nós temos todo o amparo da nossa mentora Joanna de Angelis, de todos os espíritos superiores que também estão e muitas vezes não se manifestam mas estão entre nós e nós não somos capazes de ver mas, sabemos que eles existem, mas de maneira nenhuma nós os evocamos, nós não temos essa necessidade.

Ainda sobre os rituais comumente encontrados nas casas espíritas “tradicionalistas”, temos: “Nessa casa espírita não tem mais passe nem água fluida nem reunião de desobsessão, o maior trabalho é o estudo que nos leva a despertar, a buscar, ir dentro desse conhecimento e descobrir realmente o que é seu e o que não é e, você é quem escolhe, você recebe o pensamento que quiser e se achar que esse pensamento não é correto, aprende a dialogar com ele, a transformá-lo e não achar que é um espírito ou alguém com inveja ou ciúmes, essas coisas todas que no dia-a-dia nós vemos e queremos transferir para outro”.

As atitudes de cada espírita como a de cada ser humano, devem passar por essa transformação moral que está indicada a exaustão na obra que Kardec deixou, mas que na realidade a obra é dos espíritos luminares, a falange do espírito Verdade, que lhe comunicou para servir de guia para toda a humanidade e que uma vez realizada essa transformação moral em cada indivíduo, desnecessário será a existência da religião. Parece estranha essa necessidade observada no indivíduo pós-moderno de uma vida sacral, cheia de significados simbólicos. Será o sentido de pertencimento uma necessidade tão premente a mover os indivíduos na direção da vivência religiosa, densamente sacral e eivada de simbolismos? A todas essas questões buscou-se respostas e algum entendimento que pudesse aclarar a questão da necessidade da vivência religiosa e mais, de um sentido religioso sagrado sem perder a individualidade, noção tão cara em nossa sociedade atual. Para Procópio Camargo existe:

A necessidade de estudar funções divergentes da religião no mundo contemporâneo (...) O relacionamento entre religião e sociedade envolve processo dialético. A religião se configura a partir de determinado contexto cultural e sócio-econômico, o qual é também por ela influenciado. (CAMARGO, 1973.p.12).

E contradições são encontradas nesse processo dialético onde a religião aparece como um refúgio em meio a tantos problemas e catástrofes sociais experimentados pelos indivíduos que buscam equilibrar-se em um mundo em que a maioria de suas necessidades lhes são negadas pelo sistema sócio-econômico e o setor que tenta dar uma resposta capaz de consolá-lo, é a religião.

Assim o indivíduo que se vê totalmente abandonado pelas instituições de seu país e não recebendo o amparo social de que necessita seja da possibilidade de um emprego digno, de uma escola segura e eficiente, de um sistema de saúde capaz de lhe assegurar a manutenção da sua e a de seus familiares, busca o que lhe resta, uma igreja que o acolhe do jeito que se encontra, desiludido e desamparado e absolutamente necessitado de acolhida:

A conversão religiosa nasce de uma experiência que está fora do sagrado. O indivíduo vai ao médico e este não o cura, leva uma vida pautada por tudo aquilo que acredita que dele se espera e de repente vê escorregar por entre os dedos a segurança e a certeza de poder até mesmo prover-se materialmente, e à sua família, persegue objetivos mezinhos e não os alcança, sofre perdas emocionais e enfrenta-se com a morte mas não é capaz de atinar com seu sentido. A religião supre aquilo que o mundo profano não dá. (PIERUCCI e PRANDI.1996.p.17)

Práticas Religiosas do Grupo

A fraternidade espírita “Joanna de Angelis” tem uma orientação bastante específica quanto a prática religiosa de seus adeptos, uma delas diz respeito à maneira de se fazer uma prece ou oração, como diferenciam eles. Temos no relato de uma entrevistada o que segue:

A prece, nessa casa é outra coisa interessante, (...) lá a gente aprende que a prece é o sentimento, então você tem que expressar o seu sentimento porque tudo aquilo que nós necessitamos já temos. Na minha época, quando eu ia nas casas tradicionais, você aprendia o pai nosso, preces do anjo de guarda várias preces, então você chegava na casa e quando ia fazer abertura lá dos estudos, ou qual fosse a função daquele dia, tinha preces sempre com as mesmas palavras, e a gente ali aprendeu que a oração é hora de ação, então a prece é ir pra ação, pra você colocar o seu sentimento naquilo porque não precisa ficar pedindo a Deus ou ficar falando, não tem necessidade, eu tenho que ir para ação. Então nós colocamos assim, oração: hora de ação, e qual que é essa hora de ação, são todos os momentos, não só a hora que eu vou deitar, a hora que eu vou na casa espírita que eu faço as minhas orações, são os meus atos, é o meu dia-a-dia, é aquilo que eu sou, as escolhas que eu faço pra pensar, pra agir, e essa é verdadeira prece, uma maneira de viver.

Desta forma pode-se ter uma idéia de como realizam essa prece que não é nos moldes de uma súplica, delegando à espiritualidade, a Jesus e mesmo à Deus o atendimento dos pedidos e rogos, ao invés disso, tomam a si próprios a tarefa de realizar seu destino.

Uma outra entrevistada fala assim da prece: “Antigamente a gente dizia: vamos rezar porque tá passando por uma provação. Sempre rezei antes de dormir, mas assim eu achava

metódico rezar ave Maria e Pai Nosso, aí eu conversava, só que aí tinha que rezar, mas que coisa tem que rezar ave Maria e Pai Nosso é uma coisa decorada. Eu nunca fui de ficar assim rezando e pedindo pra santo. (...) Nunca fiz promessa, nunca fui de tá pedindo, eu sempre fui atrás, levar a minha vida do jeito que achava que era certo, ia na missa rezava, agradecia à noite mas, nada mais que isso. Aí, claro que quando a gente quer muito uma coisa, vamos dizer assim, que você passe algo assim desesperador dentro do meu lar, minha mãe teve um problema que a gente não sabia o que era, a gente se apegava à Deus”.

Mesmo passando por problema “desesperador” não delegava somente à Deus a solução do problema mas, continuava vivendo de acordo com seus preceitos éticos.

Esta outra fala da prece de outra maneira que deixa claro que não se deve ficar pedindo, que já temos os recursos necessários para resolver nossos problemas: “Deus já deu pra gente o que ele tinha pra dar. Então a proposta da fraternidade é essa que você venha e aprenda na fraternidade e consiga manter o que você aprendeu (...) é você quem constrói a sua própria energia, não são os espíritos ou, entre aspas, são os espíritos porque nós somos todos espíritos encarnados”.

A Caridade

Um dos pontos onde se encontra a maior diferenciação da “Feja” em relação as demais casas espíritas é no que diz respeito a pratica da caridade que é encarada de forma diversa e onde em nada se parece com a tão propalada e realizada pelas casas espíritas, a assistência material que tem socorrido ao longo dos anos, muitas pessoas carentes dessa, que é a mais elementar das necessidades. No entendimento da “Feja”, a maior das caridades é aquela que pode ser oferecida de forma a levar o indivíduo a se tornar um ser liberto das teias da ignorância proporcionando-lhe uma oportunidade de autoconhecimento fazendo assim, com que se torne um ser apto a lidar com as vicissitudes apresentadas pela vida. Uma entrevistada fala de como é encarada pelos demais a caridade que praticam na fraternidade: “Então, ali é isso, quem não entende, quem não quer mudar, não aceita, que fala que a gente não quer fazer caridade, a gente não quer ajudar ninguém. A gente quer, mas a verdadeira caridade é essa, é iluminar consciências, como Joanna escreveu e escreve até hoje nas suas obras, só que as pessoas ainda infelizmente querem essa dependência de passe, de falar que a culpa por ela estar assim é por que fizeram um trabalho pra ela ou porque tem um obsessor com ela, então...” Na “Feja” não há distribuição de sopa, de cestas básicas ou qualquer outra ajuda material sistematicamente, não é dessa maneira que entendem e lidam com a questão da caridade, uma das mais emblemáticas bandeiras do Espiritismo brasileiro que cultua a máxima encontrada no Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo XV item 10 “Fora da caridade não há salvação”, entendem como salvação de si mesmo o auto conhecimento, o aprender a lidar com suas

próprias questões individuais e assim, por extensão, como todos estariam ligados, todos seriam beneficiados. E a caridade é a de libertar-se mesmo da ignorância, do despreparo com o qual nos deparamos ao chegar ao planeta. Libertar-se desse, por vezes, aflitivo desconhecimento acerca do que somos e de como “funcionamos” por assim dizer dentro dessa lógica aparentemente caótica em que nos encontramos e sem desconfiar minimamente de onde viemos. Obviamente a Ciência tem nos fornecido muitas respostas e biologicamente sabemos que somos uma junção de proteínas, mas e antes disso e, além disso, o que realmente sabemos que somos? É como se andássemos às escuras em busca de respostas e uma tentativa de explicação pode ser metafísica e temos inúmeras correntes delas, cabe a cada qual escolher uma ou algumas e tentar viver mais tranquilamente com tais explicações ou rejeitar todas e viver do jeito que conseguir.

A todas essas questões o Espiritismo acredita ter respostas e isso dá ao adepto um consolo bastante substancial e para chegar a essas concepções de vida, não prescinde de estudo constante e atualizável como fazem na “Feja” que, assim como entre os escritores encarnados, os Espíritos, dentro da lógica da evolução, também atualizam conceitos, revêem teorias e buscam passar tais informações àqueles que demonstrarem interesse e verdadeiro comprometimento com as leis morais de respeito amplo pela vida em todas as suas manifestações. De acordo com as observações realizadas na “Feja” foi possível também perceber que seus adeptos são indivíduos politizados e conscientes de que é dever do governo, em princípio, prover dos meios necessários à sobrevivência dos cidadãos e que o assistencialismo não só pode se tornar nocivo na medida em que contribua para a acomodação do apenas receber, como também humilha aqueles que aparentemente são beneficiados, como a negar-lhes o direito a uma vida digna com um trabalho que lhes possibilite manter sua família. Essas questões também são discutidas na “Feja” uma vez que fazem parte da temática da vida do cidadão encarnado, não se pode acusá-los de forma nenhuma de serem desconectados com a realidade social em que se encontram inseridos, buscam ao contrário do que se poderia pensar, ficar muito bem informados acerca de tudo o que, de uma forma ou de outra, contribua com a libertação das consciências e favoreça a quebra das amarras da ignorância.

Concepção de Fé

A concepção de fé constitui outro item que vem corroborar para a confirmação da hipótese de diferenciação da “Feja” pela maneira que é entendida e vivida por seus adeptos, pode-se observar uma diferenciada maneira de usar esse recurso da esfera religiosa: “A fé cada um tem um modo de ver. Fé é certeza. Fé, eu entendo, depois que eu passei nessa casa, fé é certeza. (...) Aquele que tem fé tem certeza”.

Em outra entrevista se tem a seguinte definição de fé: “A fé, engraçado eu passei por varias etapas da fé, várias, muitas, que a fé são etapas, e hoje eu sei que hoje é conhecimento. Pra mim hoje eu sei que é conhecimento, se você não tiver conhecimento não vai acontecer milagre porque você tem fé, hoje eu penso assim amanhã pode ser diferente. (...) se você não mostrar serviço, ela não vai também te ajudar, então não adianta você pedir, ah me ajuda a sarar, me ajuda a sarar, faz promessas, faz um monte de coisas, você tem só que mudar”.

E assim cada um dos adeptos tem o seu próprio jeito de sentir a fé embora todos recebam as mesmas orientações na Feja, cada um imprime sua maneira de entender, temos outra definição interessante de fé: “Fé é quando eu sei que eu posso. Não é só o fato de acreditar mas é saber, é quando eu aprendo através do meu conhecimento e quando eu passo a vivenciar esse conhecimento. É quando eu passo as minhas experiências e elas sempre dão certo, aí eu sei. A fé não, a fé já é diferente”.

Pode-se perceber também em outra fala de uma entrevistada que para ela a fé tem um teor diferente, vejamos: “A fé é a certeza. E só tem a certeza quem compreende, só compreende quem pratica. Palavras até te orientam mas só o exemplo te modifica, então eu tenho que falar hoje, tenho que falar pra outras pessoas e tenho que exemplificar”.

E assim o entendimento de fé ganha outra definição de fé: “Fé? O que que é fé? Hoje pra mim fé é entendimento, entender como as coisas funcionam e acredito que existe Deus que está sempre né...agente tende a lembrar de Deus no desespero”.

A Fraternidade Espírita “Joanna de Angelis” nasceu com uma proposta diferente daquilo que se entende por tradicional no meio espírita brasileiro e, com o desafio de implantar em sua prática atividades que pudessem propiciar um maior e mais profundo entendimento do que seria a vivencia religiosa espírita, que traz em seu bojo também os aspectos científicos e filosóficos. A Fraternidade propõe que se busque um equilíbrio entre esse tripé que constitui os fundamentos da Doutrina Espírita. Não teve e não tem a pretensão de ser a melhor prática dentre as conhecidas e desenvolvidas dentro do movimento espírita brasileiro, contudo, apresenta a quem a desejar seguir, uma gama de atividades que prioriza o estudo, não só das obras básicas do Espiritismo, como também das obras complementares que, com o passar dos anos, (o Espiritismo nasceu em 1857), foram sendo atualizadas por espíritos de escol e inclusive por alguns espíritos que teriam participado da codificação. São estudas especialmente as obras de “Joanna de Angelis”. E assim, com a segurança de estar amplamente amparado pela espiritualidade maior, que vemos o dirigente Sebastião Camargo, que foi o propositor da nova maneira de experienciar a doutrina espírita na vida cotidiana ao grupo que hoje forma a Fraternidade espírita “Joanna de Angelis” divulgar a proposta da mesma pelo país afora.

Falar do significado de práticas religiosas de um determinado grupo espírita constitui uma tarefa interessante na medida em que tais práticas abrigam em seu cerne modalidades que não são classificadas como sendo comuns aos demais centros espíritas brasileiros.

Considera-se de grande importância a noção de “gradiente” utilizada por Procópio Camargo ao estudar as religiões mediúnicas no Brasil onde analisa o Espiritismo e a Umbanda e que tem servido para, a partir dela tentar localizar o objeto de estudo, ou seja, a Fraternidade Espírita Joanna de Angelis” uma vez que nesse estudo se testa-se a hipótese de a fraternidade constituir uma modalidade, se não nova, diferenciada daquilo que se conhece, como já se disse no movimento espírita brasileiro “tradicional”. A noção de gradiente parece servir para acomodar a vivência religiosa que foi encontrada na fraternidade que seria, não só uma forma diversa de vivenciar o Espiritismo como também um entendimento, digamos, de vanguarda, dos preceitos kardequianos. Um aprofundamento daqueles preceitos levados ao limite da capacidade de entendimento e de vivência dessa religiosidade. Seus adeptos são levados, pelos estudos propostos e realizados e em certa medida, experienciados, a compreender o efeito das leis da natureza bem como dirigir e comandar esses efeitos. Quando seus adeptos falam, por exemplo, que conseguem detectar o motivo de uma dor de cabeça ter sido “produzida” e que podem aliviar essa dor, estão lançando mão de um aprendizado recolhido na Fraternidade a partir de estudos do corpo humano e seu funcionamento bem como a influência direta exercida pela mente nesse corpo material assim como a interação entre corpo físico, mente e espírito, que são entendidos como sendo algo uno, com total influência de uns sobre os outros. Nessa fala pode-se constatar um exemplo: “Antes se eu ficasse com uma dor de cabeça já pensava que poderia ter sido alguém que me tivesse feito algo e hoje eu sei que posso entrar em qualquer ambiente, até de uma energia mais densa e, se eu estiver equilibrada não me envolvo com aquelas energias e, ainda posso auxiliar aqueles que ali se encontram sem fazer nenhum movimento, apenas com o pensamento, mentalmente, em silêncio e isso é muito gratificante, sem ter que chamar um médium, isso foi o que mais me chamou atenção na fraternidade, o fato de não precisar mais ficar dependendo da ajuda dos espíritos pois tudo é espírito na Natureza”.

O fiel da “Feja” é antes um fiel do Espiritismo e não diferenciam isso, ao que se pode notar, no entanto o Espiritismo que a “Feja” desenvolve é que pertence a variada gama de Espiritismos que se pode encontrar no Brasil a partir de uma classificação onde se encontra desde os mais ortodoxos àqueles que situam-se na categoria relativamente nova, bem contemporânea mesmo, que são os universalistas, que são os espíritas com tendência a aceitar todas as modalidades religiosas, desde que trabalhem para o bem do planeta e do Universo assim como de seus habitantes. Na “Feja” pode-se encontrar outras características da gama variada acima mencionada, o que a faz ser diversa e única ao mesmo tempo, uma opção procurada por poucos e

aceita por menos ainda. O grupo é de número reduzido, conforme observado e a justificativa dada pelos seus membros é que isso se deve ao grande compromisso do que se dá a conhecer em seus estudos e da imensa responsabilidade que esse conhecimento acarreta e, numa sociedade de valores amplamente profanos e de certa maneira, banalizados e com tantos afazeres outros, responsabilidade constitui um valor pouco respeitado. Ao receberem tais conhecimentos, que são de acesso livre, pois não se está falando de nenhuma tradição secreta, os fiéis da “Feja” entendem que devam ser honestos em relação a esses conhecimentos e colocá-los em prática. É a liberdade com responsabilidade, como sempre estão a repetir em seus encontros.

A mediunidade

A maneira como é tratada a mediunidade constitui mais um item de diferenciação da “Feja” frente ao tradicionalismo espírita e, talvez um dos mais significativos. Conforme o dirigente Sebastião Camargo deixou claro na entrevista realizada com ele sobre o tratamento que se dá a mediunidade e qual o tipo que nos dias atuais é mais usado e frequentemente encontrado, assim temos:

O espiritismo, quando iniciou a sua trajetória no ano de 1855, e Allan Kardec começou a codificação, era a era dos fenômenos, e passou por várias fases. Hoje estamos na era do espírito, por isso a era da intuição. A intuição é um mecanismo que ao mesmo tempo é como se sintetizássemos vidência, audiência, todas as mediunidades, nós falamos todas as manifestações mediúnicas numa única, é como se nós fôssemos direto à fonte e acessássemos as informações, então não se precisa mais dos fenômenos tão decantados que serviram e ainda servem para muitos que estão iniciando.

Dessa maneira encarada a mediunidade não encontra lugar na “Feja” para os costumeiros trabalhos ou sessões mediúnicas, já que seus adeptos são orientados e estudam maneiras outras de se relacionar com ela. Também não recorrem aos espíritos. São orientados a resolverem suas próprias questões sem criar uma dependência e se tornarem até inoportunos à espiritualidade que, por certo tem muito mais o que fazer do que tomar conta de assuntos comezinhos dos encarnados. Não devem abusar dos espíritos nem lhes dar trabalho à toa. O cuidado e o respeito devem ser tomados sempre com todos eles, uma vez que a cada um cabe a responsabilidade por suas atitudes e decisões. Não se deve dar trabalho aos espíritos sem uma real e forte necessidade:

Não, não é que não precisa mais usar os espíritos, tudo é espírito na natureza, agente vem do psiquismo divino, a gente faz um trajeto por esse psiquismo divino, passa por reinos, esse é o nosso estudo, nosso conhecimento, que a gente vai adquirindo todos os conhecimentos até chegarmos na forma humana. E chegando na forma humana aí nós já temos, esse conhecimentos já tá dentro de nós mas a gente nasce, chega aqui a gente se envolve com o meio, com a sociedade, com o coletivo, começa a fazer parte da consciência coletiva e se você não se conhece, você se envolve com isso, então muitas coisas é que a gente aprende com os outros, uma pessoa diz uma coisa você guardava aquilo, às vezes em certas épocas

também existem as crenças, essas crenças por uma certa época é interessante, depende da época que você está vivendo elas estão ultrapassada, então, ali mostra isso, a casa mostra essa evolução, esse acompanhamento e como você pode aceitar isso, o que eu acho mais interessante é isso, como que você pode se descobrir, você pode se auto conhecer, o principal é o “conhece-te a ti mesmo”, vê o ser humano como um ser transpessoal. E isso é muito gratificante, sem ter que chamar um médium, isso foi o que mais me chamou atenção na fraternidade, o fato de não precisar mais ficar dependendo da ajuda dos espíritos pois tudo é espírito na Natureza. Nós viemos do psiquismo divino, fizemos um trajeto por esse psiquismo divino passando pelos reinos da natureza e vamos adquirindo todo esse conhecimento até chegarmos à forma humana. O que ocorre quando a gente renasce, é que se envolve com o meio, com a sociedade, com a consciência coletiva e fica como que meio confuso, precisa entrar em contato com o eu interior para acessar esses conhecimentos. Muitas coisas a gente aprende com os outros e vai gravando tudo e às vezes, em certas épocas existem crenças, que até são interessantes para aquela época mas, que vão ficando ultrapassadas e isso aprendemos na fraternidade, a evolução das coisas, esse acompanhamento e como você pode aceitar isso e como pode se descobrir, se auto conhecer. “Conhece-te” o mais importante e a possibilidade de se ver como o ser humano transpessoal que não é só físico mas, também um ser psíquico e espiritual.

Nova Era

É possível encontrar-se nos dias atuais o que D’Andrea fala como sendo “uma nova consciência religiosa” em que os indivíduos conseguem lidar com a necessidade de viver uma religiosidade mas, sem pertencer a uma determinada religião. São as espiritualidades pós-tradicionais onde a vida é marcada por um sentido ético, estético e também místico pois a espiritualidade e “o comportamento religioso são formas de expressões humanas que no seu dinamismo inclui outras verdades que, embora não sejam científicas, compõe o substrato de nossa experiência.” (D’ANDREA, 1996.) Em conformidade com essas religiosidades pós-tradicionais, pode-se situar a “Feja”, uma vez que suas práticas como já demonstrado, embora tenham referências advindas do Espiritismo, guardam muito pouco de tradicional, se diferenciam por irem além daquilo que é praticado comumente nos demais centros espíritas.

Na busca de uma aproximação de entendimento das vivências religiosas da contemporaneidade brasileira, esbarra-se no que ficou conhecido como Movimento New Age ou Nova Era e, que tem uma nova consciência religiosa de, experienciar uma “espiritualidade sem religião”, como característica das sociedades pós-tradicionais que se permitem um “estilo de vida coadunado com uma visão ética, estética e mística – enfim totalizante de vida” (D’ANDREA, 1996, p.10-11). Esse autor considera importante a interação do movimento da Nova Era com a tradição espírita nacional – e também uma “cultura psicológica” – resultando na possibilidade de novas combinações sincréticas...” (D’ANDREA. 1996. p. 13). Essa cultura psicológica encontra amplo espaço nos estudos da Feja uma vez que as obras estudadas, que são em sua maioria da mentora da casa, “Joanna de Angelis”, obras essas, tidas como sendo psicografadas pelo renomado médium

espírita, Divaldo Pereira Franco e, são todas de cunho da psicologia transpessoal e busca essa interação com o self profundo, o conhecimento de si mesmo, temos:

...combinar radicalmente símbolos e práticas originárias de sistemas religiosos, científicos, artísticos e mágicos. Essas combinações são regidas pelo critério da conveniência pessoal, que expressa a busca pela perfectibilidade do self (si mesmo) ...levam o sujeito à maestria de si mesmo sendo preciso ir além dos aspectos formais do fenômeno para captar mecanismos subjacentes que correspondam a diferenças substantivas, relacionadas a grandes transformações sociais e culturais contemporâneas”. (...) A New Age deve ser vista como uma espiritualidade, sobretudo como uma “forma” de se perceber e se relacionar com o transcendente e a realidade em conjunto, mas independente de qualquer sistema de crenças e práticas. (...) A New Age valoriza o processo de elaboração e desenvolvimento espiritual, como meio de se aperfeiçoar, visando ao “crescimento harmônico interno”. (...) Pluralizando suas formas de conhecimento (...) gradativo abandono por alguns indivíduos “espíritas ou kardecistas” de um alinhamento a uma doutrina específica em diversos registros de espiritualidade. (D’ANDREA ,1996, pp.13,15, 22 e 27).

Indícios do que compreende a Nova Era são encontrados na “Feja”, o que não significa dizer que a Feja pertence totalmente ao movimento, isso não foi observado, mas guarda em seu modelo de vivenciar o Espiritismo, aspectos bastante próximos e comuns aquele movimento, como a busca da perfectibilidade do self, o aperfeiçoamento harmônico interno. Fazem parte da composição da “Feja”, aspectos encontrados no Movimento da Nova Era, por isso ela foi classificada como sendo uma casa espírita diferente e que guarda em si uma diversidade de procedimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. **Kardecismo e Umbanda uma interpretação sociológica**. São Paulo, Pioneira,1961.
- CATÓLICOS, protestantes, espíritas. Petrópolis, Vozes, 1973.
- D’ANDREA, Anthony Albert Fischer. **O Self perfeito e a nova era**. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1996.
- PRANDI, Reginaldo; PIERUCCI, Antonio Flávio. **A realidade social das religiões no Brasil**, São Paulo, HUCITEC, 1996.
- RUSSO, Jane. **O corpo contra a palavra**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.